


O papel mata-moscas e outros textos



Robert Musil

Tradução Marcelo Backes

**O papel
mata-moscas
e outros textos**

Robert Musil

O papel mata-moscas e outros textos

CARAMBAIA

**Organização,
tradução e posfácio:
Marcelo Backes**

**Imagens:
Regina Silveira**

Robert Musil

6

**O papel
mata-moscas**

12

O gigante Agoag

22

**Um cavalo
pode rir?**

26

O melro

64

Sobre a estupidez

110

**Monólogo de
um aristocrata
do espírito**

116

**Ser europeu,
guerra, ser alemão**

122

**Para o conceito
de gênio**

124

**Sucesso
de público**

126

Crueldade

128

Princípio e fim

130

**Aforismos
esparsos**

132

**Sobre os livros
de Robert Musil**

148

Posfácio

O papel mata-moscas

1913

7

O papel mata-moscas Tanglefoot tem mais ou menos 36 centímetros de comprimento e 21 centímetros de largura; é coberto por uma cola amarela e envenenada e vem do Canadá. Quando uma mosca pousa sobre ele – não por estar especialmente ávida, mas seguindo uma convenção, afinal de contas já há tantas outras ali –, fica colada primeiro apenas pelas extremidades dobradas de todas as perninhas. Uma sensação bem suave e estranha, como se estivéssemos andando no escuro e pisássemos descalços sobre alguma coisa que ainda não é nada além de uma resistência mole, morna, confusa, e já é alguma coisa para onde flui, aos poucos, a humanidade atroz, o reconhecimento de uma mão que de algum modo jaz ali e nos segura com cinco dedos cada vez mais palpáveis!

Então todas as moscas fazem força e se levantam, eretas, semelhantes a tábidos que

não querem ser percebidos, ou como militares velhos e alquebrados (e de pernas um tanto arqueadas, como quando se está sobre um cimo agudo). Elas se posicionam e reúnem forças e ponderação. Depois de poucos segundos, estão decididas e começam a fazer o que podem, zumbir e se erguer. Executam essa ação furiosa por muito tempo, até que a exaustão as obriga a parar. Segue-se uma pausa para respirar e uma nova tentativa. Mas os intervalos se tornam cada vez mais longos. Elas estão paradas ali e eu sinto como estão desconfortadas. De baixo, sobem vapores desconcertantes. Como um pequeno martelo, sua língua tateia do lado de fora da boca. Sua cabeça é marrom e peluda como se fosse feita de coco; como divindades negras semelhantes a humanos. Elas se curvam para a frente e para trás em suas perninhas enlaçadas e presas, se dobram sobre os joelhos e avançam se

erguendo, como fazem seres humanos que tentam de todo jeito movimentar uma carga pesada; mais trágicas do que trabalhadores, mais verdadeiras do que Laocoonte na expressão esportiva do esforço extremo. E então chega aquele instante, sempre igualmente estranho, em que a necessidade de um segundo no presente triunfa sobre todos os poderosos instintos de autopreservação. É o instante em que, por causa da dor nos dedos, um alpinista abre voluntariamente a mão que ainda se agarrava, em que um homem perdido na neve se deita como uma criança, em que alguém que está sendo perseguido, de flancos em brasa, para de correr. Elas não se erguem com todas as forças, elas afundam um pouco e nesse instante são totalmente humanas. De imediato, são agarradas em uma nova parte, mais acima na perna, atrás do corpo ou na extremidade de uma asa.

Quando elas superaram a exaustão mental e, depois de um breve instante, voltam a lutar por sua vida, já estão fixadas numa posição desfavorável, e seus movimentos se tornam pouco naturais. Então elas jazem com as pernas traseiras esticadas, apoiadas sobre os cotovelos, e tentam se levantar. Ou estão sentadas no chão, empinadas, de braços erguidos, como mulheres que tentam em vão desvencilhar as mãos dos punhos de um homem. Ou jazem sobre a barriga, com a cabeça e os braços estendidos à frente, como se houvessem desabado em meio à corrida, e mantêm apenas o rosto levantado. Mas o inimigo sempre é passivo e vence só por causa desses instantes de desespero e confusão. Um nada, um *isso* as puxa para baixo. Tão devagar, que mal se consegue acompanhá-lo, e na maior parte das vezes com uma aceleração brusca ao final, quando o último colapso interno as abate. En-

tão de súbito elas se deixam cair para a frente, de rosto, sobre as pernas; ou lateralmente, todas as pernas esticadas para longe do corpo; muitas vezes também de lado, com as pernas remando para trás. Assim elas jazem ali. Como aeroplanos caídos, que apontam uma das asas para o ar. Ou como cavalos mortos miseravelmente. Ou com infinitos gestos de desespero. Ou como adormecidos. Ainda no dia seguinte, uma delas às vezes desperta, tateia por um momento com uma das pernas ou zumbe com a asa. Às vezes, um desses movimentos perpassa o campo inteiro, então todas elas afundam um pouco mais em sua morte. E só do lado do corpo, na região em que estão fixadas as pernas, elas têm algum órgão diminuto e cintilante que ainda vive por muito tempo. Ele se abre e se fecha, não se pode caracterizá-lo sem lente de aumento, parece um minúsculo olho humano, que se abre e se fecha sem parar.